



CULTURA POP NO AMBIENTE ESCOLAR: CONHECIMENTO SIM, MATAÇÃO NÃO!¹

Pop culture in the school environment: knowledge yes, skip class no

Vagner de Souza Rodrigues²
Charles Klemz³

Resumo:

O presente trabalho tem como finalidade apresentar argumentos de que a cultura pop no ambiente escolar pode servir não apenas como recurso pedagógico ou metodológico, mas como eixo temático de construção do conhecimento. Através de uma pesquisa bibliográfica, apresenta o estado de arte e tradição de pesquisa da cultura pop e do currículo, apresentando conceitos e autores que abordam essa temática, como Iuri Andréas Reblin, Simone Sá, Ireno Antonio Berticelli e Tomaz Tadeu da Silva; num segundo momento, além de analisar como a cultura pop é apresentada no currículo escolar, apresenta dados sobre a cultura pop no contexto escolar, como resistência de docentes e equipes diretivas as quais, em muitos casos, consideram “matação de aulas” com a utilização de filmes em sala de aula. Por último, analisa e discute a cultura pop no currículo escolar como possibilidade de construção de conhecimento.

Palavras-chave: Educação. Cultura Pop. Currículo. Conhecimento.

Abstract:

The present work aims to present arguments that pop culture in the school environment can serve not only as a pedagogical or methodological resource, but as a thematic axis of knowledge construction. Through a bibliographical research, it presents the state of the art and tradition of research in pop culture and the curriculum, presenting concepts and authors that approach this theme, such as Iuri Andréas Reblin, Simone Sá, Ireno Antonio Berticelli and Tomaz Thaddeus da Silva; in a second moment, in addition to analyzing how pop culture is presented in the school curriculum, it presents data on pop culture in the school context, such as resistance from teachers and management teams, which, in many cases, consider “skipping class”, with the use of films in the classroom. Finally, it analyzes and discusses pop culture in the school curriculum as a possibility for building knowledge.

Keywords: Education. Pop Culture. Curriculum. Knowledge.

¹ Enviado em: 11.11.2022. Aceito em: 16.08.2023.

² E-mail: sr.vagner@gmail.com.

³ E-mail: charles@est.edu.br.

Introdução

O presente estudo tem por finalidade apresentar argumentos de que a Cultura Pop no ambiente escolar, não serve apenas como recurso pedagógico ou metodológico, mas como eixo temático de construção do conhecimento. Além disso, reconhecer que o limiar entre “matação” e “conhecimento” em aulas se utilizando de cultura pop, está no planejamento pedagógico da gestão escolar envolvendo o corpo docente.

O presente embate entre se utilizar ou não filmes em sala de aula, de modo geral, é real em escolas de Ensino Fundamental e Médio tanto da rede pública quanto privada. Quanto a isso, há resistência de pais, alunos e equipes diretivas, por se banalizar a utilização de filmes quando algum professor ou professora faltam o serviço ou quando realmente não há planejamento sistematizado que configure uma construção do conhecimento. Por outro lado, partindo-se do princípio de que as aulas são planejadas, em que medida a utilização da cultura pop, pode ser utilizada não apenas como recurso metodológico e/ou pedagógico, mas como eixo temático no currículo escolar ou a valorização de atividades que contribuam com a *construção do conhecimento*?⁴

Através de uma pesquisa bibliográfica, pretende-se apresentar o estado de arte e tradição de pesquisa da cultura pop e do currículo, apresentando conceitos e autores que abordam essa temática, como Iuri Andréas Reblin, Simone Sá, Ireno Antonio Berticelli e Tomaz Tadeu; num segundo momento, além de analisar como a cultura pop é apresentada no currículo escolar, apresentar dados sobre a cultura pop no contexto escolar, como resistência de pessoas docentes e equipes diretivas as quais, em muitos casos, consideram “matação” aulas com a utilização de filmes em sala de aula. Por último, analisar e discutir a cultura pop no currículo escolar como possibilidade de construção de conhecimento.

A Cultura Pop

A “cultura pop” surge como coirmã da *sociedade de massa*⁵ em meados do século XX. Quer dizer, com a Revolução Industrial, tanto na era do vapor quanto no período da combustão, a produção de produtos diversos em grande escala, fomenta a economia mundial e a necessidade de consumo entre as pessoas. É o tempo não só da substituição da mão de obra escrava pela assalariada, mas da mão de obra humana pela máquina. Nas primeiras décadas do século XX, a informação passa a ter uma velocidade maior com o surgimento do telefone, telégrafo, dínamo e motores à vapor e combustão – utilizados em locomotivas, navios e depois em carros e aviões. Ou seja, a informação passa a ter uma velocidade maior que nos séculos anteriores, quando as naus a velas demoravam meses para cruzar de um continente ao outro. Da mesma forma, a descoberta da eletricidade como fonte de energia foi revolucionária com o advento do rádio e, posteriormente, com a televisão.⁶

⁴ Algumas passagens ou palavras também serão grifadas em itálico para destacar determinados termos ou expressões do texto.

⁵ SEMERARO, Giovanni. Da sociedade de massa à sociedade civil: A concepção da subjetividade em Gramsci. *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 66, Abril/99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n66/v20n66a3.pdf> Acesso em: 25 de Jul. 2022.

⁶ VIEIRA, Tatiana Cuberos. CASTANHO, Maria Eugênia. *Sociedade Atual e Revolução da Informação: ganhos e perdas*. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/945/800> Acesso em: 25 de Jul. 2022.

Descobertas na medicina - de medicações importantes na cura de algumas doenças, como tuberculose, sífilis e sarampo, por exemplo - prolongaram o tempo de vida das pessoas e proporcionaram um aumento populacional: *a sociedade de massa*. Com o avanço do século XX e o desenvolvimento das tecnologias, conhecidas como *Era da Robótica*, a informação adquire a velocidade da luz; com a globalização através dos satélites e da rede internacional de computadores: a Internet. Com isso, a informação e a cultura tornam-se globalizadas. Surge a *cultura de massa*⁷, ou seja, a cultura da era contemporânea. Segundo Reblin,

[...] a cultura pop é um fenômeno contemporâneo, globalizante e globalizado. Associado a indústrias criativas, a cultura pop está intimamente vinculada a meios de comunicação. Ela remete a uma cultura do consumo não só de produtos, mas de significados; não apenas à produção de conteúdo, mas ao estabelecimento de formatos, à comercialização de narrativas, imagens, sons, símbolos que estimulam sentidos e emoções transformados em franquias.⁸

Janotti Júnior salienta que a cultura pop está relacionada a possibilidades de alta circulação midiática. Salienta o autor que o termo foi criado pela crítica cultural inglesa na década de 1950 para demarcar como efêmero o surgimento do *rock and roll*, além de marcar o histrionismo da cultura juvenil que ali emergia. Menciona que “Como uma membrana elástica, o pop remodela e reconfigura a própria ideia de cultura popular ao fazer propagar através da cultura midiática expressões culturais de ordem diversas como filmes, seriados, músicas e quadrinhos.”⁹

A Importância da Reflexão sobre o Currículo

Ireno Antonio Berticelli¹⁰ inicia um estudo pela história do currículo para conhecer de sua genealogia, das tendências e da filosofia. Verifica que “em que contextos e a partir *de que* lugares se construíram modos de entender o que é currículo”¹¹ Parte do pressuposto de que o currículo é construído a partir de um dinamismo em que a participação da sociedade – com suas *realidades sociais e culturais* – são necessárias nesse processo. Da mesma forma, salienta que o *tempo* e o *espaço* são determinantes no *entendimento* e *produção* do currículo sob determinadas *intencionalidades*. Ou seja, conforme Bericelli,

[...] currículo é lugar de representação simbólica, transgressão, jogo de poder multicultural, lugar de escolhas, inclusões e exclusões, produto de uma lógica explícita muitas vezes e, outras, resultado de uma ‘lógica clandestina’, que nem sempre é a expressão da vontade de um sujeito, mas imposição do próprio ato discursivo.¹²

⁷ ECO, 2004, p. 386 apud REBLIN, 2015, p. 23.

⁸ REBLIN, Iuri Andréas. Quadrinhos e cinema: convergências e variações em 10 tese sobre arte sequencial. In: REBLIN, Iuri Andréas; SILVA, Ruben Marcelino Bento da; ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. (Org.). *Vamos falar sobre cultura pop? Retratos teóricos a partir do sul*. Leopoldina: ASPAS, 2017, p.7. Disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/ASPAS_LV06_cultura_pop_EBook_FINAL.pdf. Acesso em: 02 de Mar. 2018.

⁹ JANOTTI JÚNIOR, Jeder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério. (Org.). *Cultura pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015, p. 45.

¹⁰ BERTICELLI, Ireno Antonio. Currículo: Tendências e filosofia. In: COSTA, Marisa Vorraber. *O currículo nos limiares do contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 159.

¹¹ BERTICELLI, 1999, p. 159.

¹² BERTICELLI, 1999, p. 160.

Numa perspectiva etimológica, o autor afirma que *Currículo* (do latim - *currere, cursus, curriculum*), *também pode significar correr, carreira ou corrida*. Migrou da Inglaterra para os EUA por volta de 1940 e aproximadamente em 1945 que o conceito começa a se delinear, como produto da era industrial.¹³ Com a modernidade, “quando a unidade filosófico-teológica se rompe para dar origem às mais diversas ciências particulares, emergentes da técnica, o saber educacional adquire a forma de uma ciência nova, a ciência pedagógica”.¹⁴ Assim,

[...] currículo, do ponto de vista pedagógico, é um conjunto estruturado de disciplinas e atividades, organizado com o objetivo de possibilitar seja alcançada certa meta, proposta e fixada em função de um planejamento educativo. Em perspectiva mais reduzida, indica a adequada estruturação dos conhecimentos que integram determinado domínio do saber, de modo a facilitar seu aprendizado em tempo certo e nível eficaz.¹⁵

Ao compreender que não há no Brasil um estudo aprofundado sobre o problema do currículo, traz uma linha do tempo da trajetória do mesmo, apontando que em 1960 houve um início de um questionamento sobre a formulação dos currículos com a Nova Sociologia da Educação (NSE); ou Sociologia do Currículo; e que em 1970 o conceito de currículo ainda se mantinha como um *rol de disciplinas*. Em 1979 Demerval Saviani e outros numerosos educadores iniciaram discussões de caráter *dialético-marxista na Teoria crítico-social dos conteúdos e pedagogia histórico-crítica*. Já o construtivismo e as teorias crítico-sociais, por sua vez, ganharam espaço em 1980 com uma educação popular e teórica. Entre 1986 e 1989 foi um período se superar a concepção de currículo “como elenco de disciplinas ou listagens de conteúdos e se pensou no sentido de que todas as atividades da escola são significativas para o saber do aluno, para sua apropriação de conhecimento.”¹⁶

Nesta visão, a escola é que vai assumir essa função social. Ou seja, os estudiosos dessa época iniciaram um trabalho de adequação dos conteúdos, adotando um currículo crítico ou uma postura mais crítica diante das questões curriculares – como uma adequação do currículo aos excluídos pela pobreza material e a questão da necessidade de uma formação básica para todas as pessoas. A partir de 1990, Tomaz Tadeu da Silva surge como uma referência importante em pesquisas sobre o currículo, após estabelecer uma parceria de estudos com educadores estrangeiros, como Michel Apple e Henry Giroux. Logo, Tomaz Tadeu é responsável por tecer inúmeras críticas ao que se vinha fazendo em termos de estudos do currículo.¹⁷

Isso pode ser constatado quando Tomaz Tadeu Silva entende o currículo como algo mais abrangente que a própria definição de currículo. Segundo Silva, “uma definição não nos revela o que é, essencialmente, um currículo: uma definição nos revela o que uma determinada teoria pensa o que o currículo é.”¹⁸ Quer dizer, o currículo passa por critérios de seleção os quais refletem o que os alunos ou alunas devem saber. Assim, conforme Tomaz Tadeu, as teorias sobre currículo nunca devem estar separadas das perguntas “o quê?” ou “o que eles ou elas devem ser?” ou ainda, “o que eles ou elas devem se tornar?”¹⁹

¹³ BERTICELLI, 1999, p. 161 e 162.

¹⁴ BERTICELLI, 1999, p. 162.

¹⁵ Enciclopédia Mirador Internacional apud BERTICELLI, 1999, p. 161.

¹⁶ BERTICELLI, 1999, p. 171.

¹⁷ BERTICELLI, 1999, p. 171-172.

¹⁸ SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 14.

¹⁹ SILVA, 1999, p. 15.

Esse ponto de vista não é muito diferente da visão de Berticelli, quando afirma que “[...] o currículo está intimamente ligado às questões culturais, desde o momento em que se faz a pergunta: ‘Currículo para quem?’ Afinal, a questão do currículo é a questão central que diz respeito àquilo que a escola faz e para quem faz ou deixa de fazer.”²⁰

A Cultura Pop no Ambiente Escolar como Construção do Conhecimento

Estudos sobre a cultura pop *como arte*²¹ e *construção do conhecimento*²² já são presentes em temas e objetos de estudo em academias do Brasil e do Mundo. Mais especificamente, inspirados por livros de ficção, séries de TV e personagens variados, estudantes de diversas partes do Brasil vêm escrevendo Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCCs), com novas abordagens e visões de mundo.²³

Entender que a escola precisa se apropriar do conceito “Cultura Pop” não só em seu Projeto Político Pedagógico, mas em seu Plano de Estudos (currículo) é um desafio a ser superado. Por outro lado, tem se tentado inserir na escola uma ideia de “cultura” ou “multicultura” no que se referem às culturas dos povos, raças, gênero, sempre voltado à tolerância e respeito ao próximo – isso inserido já dentro dos conteúdos, para ser trabalhado, de modo geral, em aulas expositivas dialogadas. Contudo, conforme Ireno Antonio Berticelli, “justo num país como o nosso, em que se entrelaçam culturas tão diferentes, o multiculturalismo deveria estar ocupando lugar de destaque, o que está longe, ainda, de acontecer”.²⁴

Todavia, todas as atividades pedagógicas realizadas dentro do espaço escolar devem ser consideradas como construção do conhecimento e importantes no processo de formação humana das crianças e adolescentes - à medida que há um planejamento sistematizado para a realização das mesmas.²⁵ Assim, a partir do que já foi citado anteriormente como *conceito de cultura pop*, será que se pode constatar uma série de atividades características da cultura pop (veladas) nas escolas? Quer dizer, nas escolas há inúmeros projetos e trabalhos escolares produzidos por alunos e alunas, como vídeos, peças teatrais, músicas, shows de talentos, festas típicas, a utilização de filmes ou partes de séries, entre outros – fora o constante debate envolvendo a presença do celular em sala de aula: É *proibido*²⁶ e ponto final; ou pode ser um instrumento pedagógico?

Não se pode esquecer que o corpo discente atual está constantemente conectado, pelo fato de serem nativos digitais, ou seja, já terem nascido num tempo em que as tecnologias e robóticas digitais já fazem parte de suas necessidades e, por consequência, de suas vidas. Em contra

²⁰ BERTICELLI, 1999, p. 174.

²¹ REBLIN, Iuri Andréas. *O Alienígena e o Menino*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 23.

²² MACHADO, Gabriel. *A Cultura Pop como Base de conhecimento*. Disponível em: <http://d24am.com/plus/comportamento/cultura-pop-como-base-de-conhecimento/> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

²³ MACHADO, 2018, p. 01.

²⁴ BERTICELLI, 1999, p. 170.

²⁵ BERTICELLI, 1999, p. 171.

²⁶ “Art. 1º - Fica proibida a utilização de aparelhos de telefonia celular dentro das salas de aula, nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Parágrafo único - Os telefones celulares deverão ser mantidos desligados, enquanto as aulas estiverem sendo ministradas.” LEI Nº 12.884, DE 03 DE JANEIRO DE 2008. Dispõe sobre a utilização de aparelhos de telefonia celular nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.884.pdf> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

partida, ainda há uma geração de regentes de classe considerados migrantes digitais: os nascidos antes da era digital, que ainda têm dificuldades em se adaptar com essa velocidade multicultural que as tecnologias proporcionam.²⁷

E essa dificuldade de algumas pessoas docentes em se adaptar, por sua vez, não se refere apenas às novas tecnologias, mas à práxis educativa em si. Quer dizer, resistência às mudanças e à formação pedagógica ainda tem sido frequente em muitas escolas públicas. Se não bastasse, o constante discurso de que as teorias pedagógicas são um “*bla, blá, blá*” continuam permeando a atmosfera de reuniões “pedagógicas” - fortalecidas por uma espécie de comodismo, alicerçado, muitas vezes, no senso comum - sem observar a importância em se refletir a respeito dos conceitos estruturantes da práxis educativa, como “currículo”, “cultura popular”, “cultura erudita”, “cultura pop”, entre outros. Segundo Oliveira, a Cultura Pop “poderá ter o mesmo valor e espaço que a cultura erudita ocupa dentro e fora da escola. Possibilitando assim que o professor possa tornar-se um educador popular”.²⁸

Inúmeras são as vertentes da cultura pop que podem ser eixos temáticos na construção de conhecimento no currículo escolar e utilizados de maneira interdisciplinar, como é o caso da *Música*, por exemplo. Porém,

[...] um dos obstáculos gerais colocados às investigações no campo da música é a dificuldade em circunscrevê-la como uma “disciplina” voltada claramente para a produção do conhecimento. Algumas discussões e debates internos na área da musicologia têm procurado ressaltar a condição da música como um objeto do conhecimento, estabelecendo, assim, a distinção - se é possível mesmo fixar tal distinção! - entre “o fazer ciência e o fazer arte” e, conseqüentemente, entre os pesquisadores e os artistas. Sua identificação e organização como disciplina possibilitou certo avanço científico nos últimos anos ao incorporar as contribuições vindas da etnologia, arqueologia, linguística, sociologia e, mais tradicionalmente, da estética e história.²⁹

Logo, será que esses obstáculos em que a música vem enfrentando em se estabelecer como “disciplina” é motivo de ser vista, apenas, como recurso metodológico ou pedagógico? Em outras palavras, será que utilizar uma música em sala de aula é sinônimo de matação e não construção de conhecimento? Dependendo da música, pode, sem sombra de dúvidas, transmitir uma leitura de mundo que “conteúdos” não são capazes sem a relação com a própria música estudada, seu compositor, suas vivências, sua humanidade ou “*desumanidade*”³⁰. Ou seja,

²⁷ SILVA, Rosa Danielle de Santana. *Nativos e Migrantes digitais no contexto educacional*. Monografia – Universidade Estadual da Paraíba, 2014, p. 14-27. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9711/1/PDF%20-%20Rosa%20Danielle%20de%20Santana%20Silva.pdf> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

²⁸ OLIVEIRA, Rosimere de Moura. *A Cultura popular e sua influência na Educação Escolar*. Guarabira: UEPB, 2011. p. 11. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1279/1/PDF%20-%20Rosimere%20de%20Moura%20Oliveira.pdf> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

²⁹ MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. Universidade Estadual Paulista – UNESP. *Rev. Bras. Hist.* Vol. 20 n. 39: São Paulo, 2000, p. 4. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882000000100009 Acesso em: 10 de Ago. 2022.

³⁰ O termo é utilizado para acrescentar músicas que fazem apologia ao crime ou à vida desprovida de dignidade – motivo esse de também ser objeto de crítica quando educadores e educadoras fazem a mediação do debate em sala de aula.

[...] é incrível como as novas representações musicais populares surgidas com o processo de urbanização e desenvolvimento tecnológico na passagem dos séculos XIX e XX são exemplares dessas múltiplas determinações, trocas e relações. Por isso, as tradicionais interpretações modelares de cultura popular ou empobrecem as análises ou não conseguem explicar os diversos caminhos, vetores e características que assume a realidade da cultura e da moderna música e canção popular urbana.³¹

Outra polêmica resistência em muitas escolas é a respeito do mau uso de mídias audiovisuais em sala de aula, como filmes, curtas e longa metragens, episódios de séries, cliques ou vídeos da internet. Segundo Cláudia Mogadouro,³²

[...] é comum que o professor tenha receio de ser mal visto pela direção (ou mesmo por colegas, alunos e familiares) por estar exibindo um filme durante a aula, como se não a tivesse preparado. Infelizmente, esse preconceito se consolidou justamente pelo mau uso que já se fez dos filmes em sala de aula. Muitas escolas ainda usam essa opção quando falta um professor ou mesmo professores mal preparados já enrolaram suas aulas passando filmes, banalizando a prática.³³

A utilização de filmes nas aulas, de modo geral, é motivo de tensão. Por causa do mau uso, essa ferramenta cognitiva é mal vista tornando-se sinônimo de “matação”³⁴ nas aulas. Uma coisa é certa: já existe uma gama de publicações acadêmicas abordando filmes como recurso metodológico ou pedagógico. Entretanto, será possível extrair conhecimento e reflexões de filmes, capazes de, além da possibilidade do surgimento e/ou construção de novos conhecimentos, contribuir na formação integral do ser humano?

É claro que sim. E como já foi dito, tanto o currículo quanto a cultura pop não são estanques. Estão sempre em construção e fazem parte das pessoas e suas vicissitudes. Por isso, o desafio em debater cultura pop no ambiente escolar como construção do conhecimento é relevante à medida que ambos fazem parte da cultura de massa. Ou seja, as crianças e adolescentes estão “impregnados” de cultura pop. Chegam à sala de aula fazendo *links* das aulas com o seriado de TV ou com o documentário que confronta e apresenta uma versão diferente do que se estuda nos livros didáticos.

Da mesma forma, o currículo escolar precisa ser adaptado à realidade cultural de cada escola. Então, esse “casamento” é inevitável. Porém, alguns questionamentos são necessários: a escola sabe o que é cultura pop? Ou valoriza apenas a cultura popular em seu calendário letivo sem entender a amplitude e abrangência do conceito cultura, incluindo o “pop”? Que entraves impedem a reflexão entre os conceitos *cultura pop*, *currículo*, *construção do conhecimento*?

³¹ MORAES, 2000, p. 05.

³² Cláudia é Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Graduada em História, especialista em Gestão de Processos Comunicacionais, mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação da USP. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/opiniao/cinema-e-educacao/> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

³³ MOGADOURO, Cláudia. *Cinema e Educação: que filme escolher para usar em sala de aula?* §2º, publicado em 23 mar 2013. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/opiniao/cinema-e-educacao/> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

³⁴ O termo “matação” será utilizado como sinônimo de aulas mal planejadas ou não planejadas – que se utilizam da cultura pop (filme, música, entre outros) como recurso que substitui a aula em si, sem a devida reflexão e link com o objetivo da aula.

De modo geral, a cultura pop já faz parte do contexto escolar de maneira velada. Mesmo ao valorizar e se familiarizar mais com a cultura popular, a escola apresenta elementos “pop” nas mais variadas partes de seu calendário letivo. Como, por exemplo, *Festa Junina*, *Show de Talentos*, *Semana Farroupilha*, *Dia da Família*, *Páscoa*, entre outros. Nas festas Juninas, além de se abordar os aspectos culturais nordestinos, escuta-se inúmeras músicas não do gênero pop, mas da cultura pop – que pertencem a uma indústria de consumo – como da famosa e tradicional banda “Fala Mansa” e inúmeros cantores e duplas Sertanejas muito conhecidas atualmente, como “Simone e Simária”, “Jorge e Mateus”, entre outros. E essa mesma análise serve para a Semana Farroupilha, quando se aborda as questões da cultura popular do Rio Grande do Sul, mas com roupagens da cultura pop no subterrâneo, através de músicas da “Tchê Music” – como os grupos “Tchê Barbaridade”, “Tchê Garotos”, “Tchê Guri”, entre outros. Além disso, há uma mescla de culturas que se entrelaçam entre o Rio Grande do Sul, Minas Gerais e o Nordeste, com modas de viola e o choque de culturas que acaba em músicas gaúchas se intercalando com diversos estilos sertanejos: “César Menotti e Fabiano”, “Chitãozinho e Chororó”, “Luciano”, “Leonardo”, “Vitor e Léo” – além dos já citados e os muitos outros que fazem parte da atual “sofrência” sertaneja.

Quanto à utilização de *filmes*³⁵ em sala de aula, é importante lembrar que a construção do conhecimento só é possível quando ocorre uma esquematização ou sistematização através do planejamento prévio dos professores e professoras em parceria com a coordenação pedagógica. Ora, permitir que uma turma assista a um filme em sala de aula sem uma introdução prévia acerca da produção cinematográfica do mesmo e/ou um debate ou reflexão com a classe após a sessão, de fato, é *matação sim, conhecimento não* (grifo nosso).

Por conseguinte, parte-se do pressuposto de que educadores e educadoras planejam suas aulas. E no que se refere aos filmes, os utilizam como recurso metodológico ou pedagógico periférico - em que partem do componente curricular (conteúdo do currículo) como centro, para os filmes como recursos periféricos. Aí torna interessante o questionamento: É possível o contrário? Partir dos filmes como centro para a relação com os conteúdos do componente curricular em segundo plano?

Todavia, não é objetivo desta temática construir todo um currículo escolar a partir de filmes como centro, mas desconstruir a ótica dos filmes como recurso periférico, uma vez que é possível o desenvolvimento de uma série de potencialidades e reflexões através de minutos de cenas diversas; sem contar todo conhecimento necessário na construção de um filme, em que mínimos detalhes são pensados, *estudados*³⁶ e planejados. Então, questiona-se: Como poderia *ser construído*³⁷ esse currículo?

A primeira sugestão seria incluir no currículo escolar os eixos temáticos das práticas desenvolvidas na escola, as quais a cultura pop se faz presente.³⁸ Outra, seria já no Plano Político

³⁵ E quando se opta por filmes, também se refere às séries e aos documentários como um todo.

³⁶ Dependendo do filme, é feita toda uma pesquisa prévia, com profissionais diversos, para que seja produzido. Além disso, lembrar que um cineasta passou por uma Academia.

³⁷ Novamente torna-se interessante a retomada da reflexão apresentada por Berticelli e Tomaz Tadeu, sobre se construir um currículo; sobre *selecionar conteúdos com intencionalidades*; sobre se perguntar “o quê?”; “o que eles ou elas devem ser?” ou ainda, “o que eles ou elas devem se tornar?”; ou “currículo para quem?”.

³⁸ Se fosse o caso da Festa Junina, um exemplo seria incluir alguns eixos centrais nos diversos currículos e/ou Planos de Estudos. O primeiro poderia ser o *Conceito de Cultura*, em que a *História* poderia trabalhar o conceito em sua

Pedagógico (PPP) enfatizar a necessidade e visão da escola em valorizar a cultura popular local, dando *liberdade*³⁹ ao corpo docente e equipe pedagógica na utilização do que for possível na construção de conhecimento, incluindo filmes - até mesmo de histórias em quadrinhos, uma vez que

[...] o ser humano nunca viveu sem utilizar a arte como forma de expressão, uma indicação de que a linguagem da arte é a própria linguagem da humanidade. Por isso, e para isso, a arte precisa ser mais bem compreendida e valorizada na educação, em todos os níveis de ensino, desde o ensino fundamental, em toda e qualquer escola, até o ensino de pós-graduação, para a formação de docentes e cientistas com orientação holística. A arte pode se combinar com a ciência como parte de uma estratégia pedagógica explícita para a educação científica da população. Atividades de ciência e arte possibilitam o desenvolvimento de novas intuições e compreensões através da incorporação do processo artístico a outros processos investigativos.⁴⁰

Fortuna se utiliza de Alves e Caniato para criticar as *metodologias tradicionais de ensino*, entendendo que essas, por sua vez, costumam privilegiar “apenas o uso de aulas expositivas em detrimento de metodologias diversificadas e lúdicas que estimulem o interesse e criatividade do educando.”⁴¹ Quer dizer, mais do que nunca, com o advento da pandemia intitulada Covid-19, as pessoas vêm percebendo que não vivem sem cultura, arte, sem cultura pop. Isso ficou muito claro. E as pessoas docentes também vêm se reinventando através das mídias e das tele aulas, agora, mais do que nunca, se utilizando de elementos da cultura pop.

Considerações Finais

A cultura pop e o currículo são dinâmicos, assim como a escola em si. Estão sempre em construção e fazem parte das pessoas e suas vicissitudes – por causa da cultura de massa. Ou seja, as crianças e adolescentes estão “impregnados” de cultura pop. Chegam à sala de aula fazendo *links* das aulas com o seriado de TV ou com o documentário que confronta e apresenta uma versão diferente do que se estuda nos livros didáticos – fora os games que são repletos de associações com diversas áreas do conhecimento. Da mesma forma, o currículo escolar precisa ser adaptado à realidade cultural de cada contexto escolar escola. Não existe uma cultura boa ou uma cultura ruim. Existem culturas, que devem ser valorizadas em cada contexto.

totalidade e partir para a história do nordeste do Brasil. A *Geografia* poderia abordar as diferentes culturas em determinados espaços geográficos do nordeste brasileiro e a influência geográfica desses territórios na cultura nordestina. A *Língua Portuguesa*, por sua vez, o dialeto e sotaque nordestino na língua Portuguesa... entre outros. Para após isso, abordar o porquê do termo “pop” na cultura, fazendo a relação com as sociedades de massa e a questão do consumo exacerbado que vem tomando conta das pessoas. Será que comprar e comprar é o mais importante? Ou seja, o “Ter” realmente é o mais importante?

³⁹ É importante deixar claro que não é objetivo desta temática um legalismo acerca da utilização de filmes em sala de aula, como já ocorreu através da “lei 13.006, publicada no Diário Oficial da União. O parágrafo oitavo, do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), ficou assim redigido: *A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.*” MOGADOURO, Cláudia. *Filmes brasileiros no currículo escolar*: Nova lei permite puxar avanços e adaptações necessárias na sala de aula. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/opiniaio/filmes-
brasileiros-no-curriculo-escolar/> Acesso em: 17 de Ago. 2022.

⁴⁰ ARAÚJO-JORGE, 2007, apud. FORTUNA, 2015, p. 204. Oficina de história em quadrinhos na sala de aula: Produção de HQ pelos alunos de uma escola pública em Rio Branco – Acre. In. REBLIN, Iuri Andréas. RODRIGUES, Márcio dos Santos. (Org.). *Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar* – Ensaios Acadêmicos; v.1. Leopoldina: ASPAS, 2015.

⁴¹ FORTUNA, 2015, p. 204.

Atualmente, com o advento da pandemia Covid-19, que vem assolando a saúde física e psicológica das pessoas no Brasil e no mundo, mais do que nunca, pais, mães, alunos, alunas e docentes têm repensado o valor e papel da escola. Quer dizer, um valor que vai além de preocupação com o conteúdo, com a “matação” ou conhecimento. É um momento de se preocupar com o aspecto humano. De refletir e valorizar todas as esferas sociais integradas humanamente, agora, não mais apenas de forma física, contudo virtual. E isso envolve também a escola. Ou seja, mais do que nunca se valorizou tanta a cultura pop. As pessoas deixaram de consumir a ponto de surgir uma deflação⁴² no país, todavia sem abandonar a cultura, a arte, o “pop” da cultura pop através das mídias, do mundo virtual. Pôde-se refletir que é possível viver sem comprar tanto, sem consumir tanto.

Mesmo dependendo de atividades essenciais de sobrevivência, como o alimento, há quem diga que muita gente não sobreviveria sem internet nesse período de isolamento social. Pois através dela, as pessoas assistem filmes, escutam músicas (como *lives* de artistas – e de docentes inclusive⁴³), se comunicam com familiares distantes - ou próximos, separados pela necessidade da quarentena – e estudam. Constroem conhecimento através das tele aulas e de recursos midiáticos que se introduziram no cotidiano não mais como uma opção, mas necessidade.

Toda pessoa docente sempre foi, em algum momento, um pouco pai ou mães de seus alunos e alunas. Entretanto, agora, mais do que nunca, tantos pais e mães tiveram que ser um pouco docentes em seus lares, auxiliando na explicação e aprofundamento de algum componente curricular a ponto de se verem obrigados a pesquisar algo no Google sobre determinado assunto. Ou seja, as famílias vêm construindo conhecimento juntas. E será que a Cultura Pop tem ficado de fora desse contexto?

Referências

ARAÚJO-JORGE, 2007, apud. FORTUNA, 2015. Oficina de história em quadrinhos na sala de aula: Produção de HQ pelos alunos de uma escola pública em Rio Branco – Acre. In. REBLIN, Iuri Andréas. RODRIGUES, Márcio dos Santos. (Org.). *Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar – Ensaio Acadêmicos*; v.1. Leopoldina: ASPAS, 2015.

BERTICELLI, Ireno Antonio. Currículo: Tendências e filosofia. In: COSTA, Marisa Vorraber. *O currículo nos limiares do contemporâneo*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder. Cultura pop: entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, Rodrigo; FERRARAZ, Rogério. (Org.). *Cultura pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

⁴² QUINTINO, Larissa. *Coronavírus faz IPCA registrar deflação em abril pela 1ª vez na história*. Dramática paralisa na economia leva o índice de inflação ficar em -0,31%; combustíveis recuaram 9,59% no mês, já alimentos subiram 1,79%. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/coronavirus-faz-brasil-registrar-deflacao-em-abril-pela-1a-vez-em-25-anos/> Acesso em: 23 de Mai. 2020.

⁴³ KATEIVAS, Mari. *Professores contam histórias em lives para crianças em quarentena, em Foz do Iguaçu; Assista*. 'Queríamos fazer algo por eles', disse professora que pela primeira vez, em 33 anos de carreira, contou uma história pela internet. Transmissão ocorre três vezes por semana, às 17h30. G1 PR — Foz do Iguaçu. 06/04/2020 16h21. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2020/04/06/professores-criam-projeto-de-contacao-de-historias-em-lives-para-criancas-em-quarentena-em-foz-do-iguacu-assista.ghtml> Acesso em: 24 de Mai. 2022.

KATEIVAS, Mari. *Professores contam histórias em lives para crianças em quarentena, em Foz do Iguaçu; Assista. 'Queríamos fazer algo por eles'*, disse professora que pela primeira vez, em 33 anos de carreira, contou uma história pela internet. Transmissão ocorre três vezes por semana, às 17h30. G1 PR — Foz do Iguaçu. 06/04/2020 16h21. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2020/04/06/professores-criam-projeto-de-contacao-de-historias-em-lives-para-criancas-em-quarentena-em-foz-do-iguacu-assista.ghtml> Acesso em: 24 de Mai. 2022.

LEI Nº 12.884, DE 03 DE JANEIRO DE 2008. Dispõe sobre a utilização de aparelhos de telefonia celular nos estabelecimentos de ensino do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/filerepository/repLegis/arquivos/12.884.pdf> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

MACHADO, Gabriel. *A Cultura Pop como Base de conhecimento*. Disponível em: <http://d24am.com/plus/comportamento/cultura-pop-como-base-de-conhecimento/> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

MOGADOURO, Cláudia. *Cinema e Educação: que filme escolher para usar em sala de aula? §2º*, publicado em 23 mar 2013. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/opinio/cinema-e-educacao/> Acesso em: 10 ago. 2022.

MOGADOURO, Cláudia. *Filmes brasileiros no currículo escolar: Nova lei permite puxar avanços e adaptações necessárias na sala de aula*. Disponível em: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/opinio/filmes-brasileiros-no-curriculo-escolar/> Acesso em: 17 de Ago. 2022.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *História e música: canção popular e conhecimento histórico*. Universidade Estadual Paulista – UNESP. Rev. bras. Hist. vol. 20 n. 39: São Paulo. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882000000100009 Acesso em: 10 de Ago. 2022.

OLIVEIRA, Rosimere de Moura. *A Cultura popular e sua influência na Educação Escolar*. Guarabira: UEPB, 2011. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1279/1/PDF%20-%20Rosimere%20de%20Moura%20Oliveira.pdf> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

QUINTINO, Larissa. *Coronavírus faz IPCA registrar deflação em abril pela 1ª vez na história*. Dramática paralisa na economia leva o índice de inflação ficar em -0,31%; combustíveis recuaram 9,59% no mês, já alimentos subiram 1,79%. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/coronavirus-faz-brasil-registrar-deflacao-em-abril-pela-1a-vez-em-25-anos/> Acesso em: 23 de Mai. 2020.

REBLIN, Iuri Andréas. *O Alienígena e o Menino*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

REBLIN, Iuri Andréas. *Quadrinhos e cinema: convergências e variações em 10 teses sobre arte sequencial*. In: REBLIN, Iuri Andréas; SILVA, Ruben Marcelino Bento da; ALMEIDA, Paulo Felipe Teixeira. (Org.). *Vamos falar sobre cultura pop? Retratos teóricos a partir do sul*. Leopoldina:

ASPAS, 2017. Disponível em: http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/ASPAS_LV06_cultura_pop_EBook_FINAL.pdf. Acesso em: 02 de Mar. 2018.

SEMERARO, Giovanni. Da sociedade de massa à sociedade civil: A concepção da subjetividade em Gramsci. *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 66, abr. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n66/v20n66a3.pdf> Acesso em: 25 de Jul. 2022.

SILVA, Rosa Danielle de Santana. *Nativos e Migrantes digitais no contexto educacional*. Monografia – Universidade Estadual da Paraíba, 2014. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9711/1/PDF%20-%20Rosa%20Danielle%20de%20Santana%20Silva.pdf> Acesso em: 10 de Ago. 2022.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIEIRA, Tatiana Cuberos. CASTANHO, Maria Eugênia. *Sociedade Atual e Revolução da Informação: ganhos e perdas*. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/945/800> Acesso em: 25 de Jul. 2022.